

HQ/LIVROS ARTIGO



Os quadrinhos infantis brasileiros no início do século 21 - PARTE I

Os quadrinhos infantis brasileiros no início do século 21 - PARTE I

WALDOMIRO VERGUEIRO

06.02.2001

00H00

ATUALIZADA EM

08.11.2016

08H02

O FENÔMENO MAURÍCIO

Ninguém discordaria de que os quadrinhos infantis apresentaram um significativo desenvolvimento no Brasil.

Qualquer apanhado histórico sobre os nossos quadrinhos vai apontar esse fato. Mas nem seria necessário ir

muito longe. Bastaria lembrar que o país conta com um artista nativo do porte de **Maurício de Sousa**...



De fato, esse artista, que começou humildemente em 1959, com a revista Bidu, da **Editora Continental**, então sob a batuta do mestre **Jayme Cortez**,

foi capaz de retirar das revistas Disney a primeira posição em termos de

consumo do público infantil de quadrinhos e colocá-las em segundo ou

terceiro lugar. Em poucos anos, uma larga família de personagens

possibilitou-lhe reverter a preferência das crianças brasileiras. Como

lembra **Moacyr Cirne**, em 1973 a revista Mônica vendia 195.000

exemplares, um número que cresceu para 262.000 em 1978; no mesmo

período, a revista Tio Patinhas decresceu sua circulação de 484.000 para

354.000 exemplares. Essa reversão fica mais evidente com dados recentes: em janeiro de 1998, segundo

aponta **Roberto Elísio dos Santos** em sua tese de doutoramento, a circulação total das revistas Disney no

Brasil era de apenas 15% dos títulos de Maurício.

Não foi, é claro, um caminho fácil. Depois de conseguir ser publicado brevemente pela **Continental**, **Maurício**

de Sousa levou vários anos para ter suas personagens aceitas por uma grande editora. Isso só aconteceu em

1970, quando a **Editora Abril** publicou a revista Mônica. Outros títulos seguiram, em sucessão, como

Cebolinha (1973), Cascão (1982), Chico Bento (1982) e, posteriormente, Magali (1989) e Parque da Mônica

(1993), as duas últimas lançadas pela **Editora Globo**.

O resto é história: o sucesso das revistas abriu muitas portas para **Maurício de Sousa**, possibilitando-lhe a

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

animados, etc.

Essa trajetória de sucesso não é desprezível, mas, sim, um acontecimento que merece ser destacado com orgulho por todos os defensores do quadrinho brasileiro. Nesse sentido, o país tem motivos para regozijo, mesmo que o sucesso de **Maurício de Sousa** tenha seu brilho levemente toldado quando se considera que sua empresa produz histórias em quadrinhos da mesma forma que a de Disney, utilizando equipes anônimas de artistas que não recebem crédito formal pelo trabalho. Ou que, em termos gerais, suas principais personagens apresentem pouca diferença das de Disney, pois, ao buscar a universalidade, A Turma da Mônica deixou o meio ambiente brasileiro quase que completamente de fora de suas histórias, evitando referências ao local em que elas ocorrem, bem como outros elementos que possam ser descritos como característico da cultura brasileira (o resgate de nossa realidade ocorrerá com o Chico Bento, é verdade, trazendo ao público a vida do povo rural brasileiro e enfocando características específicas de uma comunidade ligada aos valores da terra e da agricultura, bem como nas histórias do indiozinho Papa-Capim, normalmente enfatizando os malefícios causados à natureza pelos desmandos do homem branco...).

Mas, infelizmente, como diria **Voltaire**, ainda estamos longe do melhor dos mundos possíveis...

De uma certa forma, deve-se reconhecer que **Maurício de Sousa** representou tanto um bem quanto um mal para os quadrinhos infantis brasileiros. Se, por um lado, ele deixou evidente a possibilidade de derrotar o modelo norte-americano em países periféricos, por outro, tal como os quadrinhos Disney faziam antes, montou um sistema de produção que monopolizou o mercado, sufocando outras iniciativas de produção de quadrinhos para o público infantil. Se isto já era evidente ao final da década de 70, quando as revistas de **Maurício** concretizaram sua vitória sobre os quadrinhos infantis norte-americanos, torna-se especialmente problemático no início do século 21, quando o consumo de histórias em quadrinhos se encontra em declínio e surgem dificuldades para a renovação de leitores.

No próximo artigo desta série, as inúmeras tentativas das três últimas décadas

omelete

FILMES SÉRIES HQs MÚSICA ORIGINALS BRUTTAL ANIMES THE ENEMY

**Voce pode gostar**

Links promovidos portaboola

Entenda a cena pós-créditos de Viúva NegraEMPRESAS
DA OMELETE COMPANY:FILMES

OSCAR

BILHETERIAS USA

BILHETERIAS BRASIL

ESTREIAS DA SEMANA

CRÍTICAS

NOTÍCIAS

SÉRIES E TV

EMMY

CALENDÁRIO DE ESTREIAS

CALENDÁRIO 2018

CRÍTICAS

NOTÍCIAS

HQS E LIVROS

SAN DIEGO COMIC CON

CRÍTICAS

NOTÍCIAS

MÚSICA

CRÍTICAS

NOTÍCIAS



Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR